

Hospital de Manguinhos: um projeto de pesquisa e cura

RENATA SOARES DA COSTA SANTOS¹

MARIA REGINA COTRIM GUIMARÃES²

O atual Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas (Ipec), localizado no campus de Manguinhos da Fiocruz, ao longo de sua existência foi chamado de *Hospital de Manguinhos*, *Hospital de Doenças Tropicais*, *Hospital Oswaldo Cruz*, *Hospital Evandro Chagas* e *Centro de Pesquisa Clínica Hospital Evandro Chagas*. O espaço inventaria muito da história e memória da pesquisa clínica. Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo central discutir sua criação enquanto um projeto moderno e inovador no país, apresentando suas características peculiares no decorrer das primeiras décadas do século XX.³

O Hospital de Manguinhos foi um projeto moderno arquitetado em conjuntura de mudanças e inovações vividas no país a partir do final do século XIX, apresentados por Flora Sussekind como *horizonte técnico*. O *horizonte técnico* é expresso pela ampliação da rede ferroviária, pelo uso da iluminação elétrica, pela adoção sistemática da tração elétrica nos bondes, pelo aparecimento dos primeiros balões e aeroplanos, pelo número crescente de automóveis em circulação nas grandes cidades do país. (SÜSSEKIND, 1987:29)

Paralelas a esse *horizonte técnico*, expedições científicas enviadas ao interior do país deflagravam um quadro sanitário de “atraso”. No meio intelectual, delineou-se e consagrou-se a imagem de um “país doente”, metaforizada por Miguel Pereira, em discurso indignado, ao enfatizar que o Brasil era um “imenso hospital”.⁴

Um país “doente” não condizia com os ideais de progresso que permeavam as relações políticas, entre “homens de ciência”, no cenário da Primeira República no Brasil. Com isso, o território vivenciou um momento de inquietação por parte de diversos atores da sociedade em busca da “cura” para a “doença do atraso” sob a forma de projetos no âmbito da saúde, educação, cultura.

¹ IPEC/Fiocruz, historiadora, Bolsista FIOTEC Ipec/Fiocruz, mestre em História Social da Cultura (PUC-RJ).

² IPEC/Fiocruz, médica, doutora em História das Ciências e da Saúde (COC/Fiocruz)

³ Esse trabalho é fruto de pesquisas realizadas no projeto *Memória e História da Pesquisa Clínica do Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas* – Ipec/Fiocruz.

⁴ Discurso pronunciado por Miguel Pereira em 1916 em solenidade em homenagem a Aloysio de Castro, diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. In: *A Manifestação... A manifestação dos acadêmicos ao professor Aloysio de Castro*. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.4. 11 out. 1916.

O projeto de criação do Hospital de Manguinhos surge, nesse momento, como qualquer outro, entre *experiência* e *expectativa*. (KOSELLECK, 2006) Para Koselleck, embora a *expectativa* seja baseada na *experiência*, esta não lhe determina, de tal maneira que “na história sempre ocorre um pouco mais ou um pouco menos do que está contido nas premissas”. (KOSELLECK, 2006:312) A *expectativa* é uma espécie de antecipação de um futuro que ainda está para acontecer, a incorporação de novos eventos pela *experiência* pode fazer com que todos os prognósticos sejam reafirmados ou refeitos, gerando otimismo ou pessimismo. (KOSELLECK, 2006) É com essa sugestão de análise que pensamos discutir o projeto do Hospital de Manguinhos, ou seja, cunhado em um tempo presente, onde se relacionam *experiências* acumuladas e prognósticos de um futuro possível.

A criação de um hospital voltado para a pesquisa clínica permeava os anseios de Oswaldo Cruz desde os primeiros anos do século XX. Consta nos arquivos da Casa de Oswaldo Cruz a primeira planta elaborada para o Hospital de Manguinhos anexo ao Instituto. É datada de 1907 e seu projeto não se concretizou. De qualquer forma, o projeto inicial demonstrava forte influência do hospital moderno construído anexo ao Instituto Pasteur, em Paris, tornando-se modelo de isolamento de doenças infecciosas. (BENCHIMOL, 1990:199) Segundo Benchimol, os hospitais de isolamento tiveram grande importância para as campanhas sanitárias deslançadas por Oswaldo Cruz a partir de 1903 e recorreu ao arquiteto Luiz de Moraes Junior⁵, na tentativa de modernizar ou até mesmo reformar os hospitais de isolamento da Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP), da qual assumiu a direção entre 1903 e 1909⁶. (BENCHIMOL, 1990:205)

O desejo de criar um espaço dedicado à pesquisa clínica necessitava de verba para sua materialização. Assim, das experiências que criaram bases para esse projeto podemos citar as pesquisas realizadas por Carlos Chagas, na região de Lassance, Minas Gerais. Carlos Chagas, após comandar campanhas de profilaxia contra a malária na cidade do Rio de Janeiro, foi enviado a Minas Gerais para combater uma epidemia de malária que impedia o

⁵ Luiz de Moraes Junior foi um jovem arquiteto português que acompanhou Oswaldo Cruz em grande parte dos seus projetos em Manguinhos. Sobre o arquiteto e sua importância na construção arquitetônica de manguinhos. Ver (BENCHIMOL, 1990).

⁶ Além disso, o autor enfatiza que nesse período “a legislação tornou obrigatória a notificação das doenças infecciosas, e embora a Saúde Pública procedesse ao isolamento domiciliar dos doentes de febre amarela, a larga predominância da população pobre, alojada em cortiços ou desprovida de teto, entre as vítimas de epidemias tornava extremamente elevados os índices de hospitalização”. (BENCHIMOL, 1990:205).

prolongamento da Estrada de Ferro Central do Brasil entre Corinto e Pirapora. (KROPF, 2009) Instalado na Estação Ferroviária de Lassance com a intenção de conter a malária, “os trabalhos de Chagas tomariam um rumo imprevisto, de conseqüências importantíssimas para o patrimônio científico de Manguinhos”. (BENCHIMOL, 1990:43) Ao observar o barbeiro, inseto que se proliferava nas paredes de pau a pique das casas nessa região, que saía às noites para sugar o sangue dos moradores e animais domésticos, Carlos Chagas iniciou investigações que, com apoio de outros pesquisadores de Manguinhos, levaram à descoberta de uma nova moléstia, conhecida por doença de Chagas. De acordo com Kropf,

“A doença de Chagas foi o tema primordial a propiciar, a partir de 1910, a associação entre ciência, endemias rurais e projeto nacional (...) Era o símbolo de um ‘país doente’ e ‘atrasado’, devastado por endemias que incapacitavam as populações rurais”. (KROPF, 2009:131)

Com isso, as pesquisas ajudaram a cunhar o diagnóstico de “país doente” e fizeram com que o nome do pesquisador ganhasse destaque no cenário internacional. A visibilidade de Carlos Chagas é notória a partir de uma sucessão de fatos ocorridos nos próximos anos: em 1909, anuncia na Academia Nacional de Medicina a descoberta da doença de Chagas; em 1910 é nomeado no cargo de “chefe de serviço” no IOC; ainda em 1910, se torna membro da Academia Nacional de Medicina; em 1911, exibiu na Exposição Internacional de Higiene, em Dresden, imagens filmadas em Lassance com os estudos sobre a doença de chagas; entre 1909 e 1912 participou de conferências e publicou em periódicos apresentando o quadro clínico e aspectos sociais da doença; em 1912, recebe do Instituto Naval de Medicina o Prêmio Schaudinn de Protozoologia.

Nesse contexto de efervescência com a descoberta da doença de chagas, e da projeção de Carlos Chagas, Oswaldo Cruz consegue verba do governo federal para a concretização de seu projeto de construir em Manguinhos um hospital. Foi assinado em 24 de janeiro de 1912, por Hermes da Fonseca, presidente da República, o decreto n.9.346 concedendo verba para a construção de um hospital destinado à pesquisa e tratamento da doença de Chagas. O decreto estabelecia a construção do hospital em Manguinhos com a finalidade de “promover a descoberta e aplicação do tratamento terapeutico e prophylatico da molestia de Carlos Chagas”. (COC, Decreto N. 9.346, 24/01/12)

A liberação de recursos do governo para a construção do hospital de Manguinhos está associada às repercussões sobre a doença de Chagas em Lassance. Como observado no decreto, a verba liberada correspondia a 500:000\$. Uma parte, 300:000\$, estava destinada à construção do hospital em Manguinhos; e outra, de 200:000\$, para pesquisa e assistência médica nas áreas mais afetadas pela doença de Chagas. Com isso, o governo federal destinou fundos para pesquisa clínica da doença na capital e no interior. Com essa verba, iniciaram as obras do hospital de Manguinhos paralela à construção de um hospital em Lassance. Como bem salienta KROPF, “o desafio para a ciência – e a política – dizia respeito, naquele momento, aos problemas sanitários do interior, ‘onde nem sempre tem sido possível chegar os benefícios de uma ação bem dirigida’”. (KROPF, 2009:156)

O movimento de ocupação das áreas rurais do país crescia e legitimava-se uma campanha pelo saneamento do país.⁷ Com isso, a urgência em atender “abarracamentos hospitalares móveis nos pontos mais assolados pela moléstia, sendo o primeiro a estabelecer-se em Lassance”. É importante salientar que nesse momento o foco não estava apenas no hospital, enquanto espaço físico, como pode ser observado na fala de Miguel Pereira após conhecer, em 1910, em Lassance, vítimas da doença de chagas: “Não, meus caros colegas, não é através das vidraças de um hospital que todos nós, médicos e patriotas, trememos pelo futuro da pátria”.⁸

O decreto de liberação da verba para construir o hospital foi assinado em janeiro de 1912 e no mês seguinte iniciaram as obras em Manguinhos, como pode ser observado em ofícios de pagamentos mensais até o fim desse mesmo ano.⁹ Nos ofícios, tomamos conhecimento dos gastos mensais de aproximadamente 8:552\$372 com pagamentos de construtor e demais trabalhadores.

A planta do hospital foi assinada por Luis de Moraes Junior em 1912, recebendo, para isso, gratificações mensais no valor de 600\$000. A historiografia do Instituto considera suas obras mais importantes datadas nas duas primeiras décadas do século XX. Além disso, vincula sua participação, de modo pioneiro e inovador, na “implementação das novas

⁷ A campanha pelo saneamento do país foi formalizada em 1918 com a criação da Liga Pró-Saneamento do Brasil, dirigida por Belisário Pena. Para aprofundar, ver: (HOCHMAN, 1998).

⁸ Citado por Simone Kropf In: KROPF, 2009:214.

⁹ A documentação encontra-se no arquivo da Casa de Oswaldo Cruz. COC, Direção IOC, 1912.

tecnologias que a indústria europeia colocava à disposição da construção civil brasileira, num momento em que ela era revolucionada pela introdução da energia elétrica”. (BENCHIMOL, 1990:226). O projeto do Hospital vai se materializando com esse olhar de valorização do moderno, do novo, com utilização de todos os recursos tecnológicos possíveis. Das obras, temos conhecimento de solicitações de 340 volumes contendo ferros em peças pesando 53318 kg, vindos de Hamburgo pelo vapor alemão *Arábia*, destinados ao Instituto para obras do Hospital de Manguinhos¹⁰.

O início das obras do Hospital foi acompanhado pelo olhar do fotógrafo Joaquim Pinto da Silva¹¹. O fotógrafo, que assinava em grande parte de suas obras como J.Pinto, documentou:

“a organização do canteiro de obras em março; o suado trabalho de terraplanagem por meio das vagonetes empurradas pelos operários; a chegada em maio e junho das 100 toras de pita e de grande quantidade de pedra bruta para a construção da fundação, que se prolongou até outubro; a colocação do basamento em granito esquadrado e a montagem da estrutura primária do edifício, de ferro forjado e em forma de gaiola, parcialmente concluída em janeiro de 1913”. (BENCHIMOL, 1990:2015)

Tudo indica que nesse ano, de 1913, as obras foram interrompidas, fazendo com que os prognósticos fossem novamente reajustados. A falta de verba suspendeu o horizonte de expectativa de construção do hospital de Manguinhos. Não há registros nos ofícios da direção do Instituto Oswaldo Cruz no arquivo da Casa de Oswaldo Cruz. As obras, paradas entre os anos de 1914 e 1918, foram retomadas após liberação de crédito especial de 349:482\$000, em 1918, visando sua conclusão. (COC, Decreto N.3.453, 02/01/1918)

Paralelo à construção do hospital de manguinhos, foram realizadas pesquisas clínicas em diferentes espaços hospitalares. Um desses espaços foi o Hospital da Santa Casa da Misericórdia (COC/prontuários), abrigando em seu anexo um serviço de anatomia patológica organizado por Gaspar Viana e Hermann Duerck, designado, por Oswaldo Cruz, como Instituto Patológico a ser transferido para Manguinhos quando terminasse a obra de construção do hospital. Conforme Benchimol,

¹⁰ COC, nº193, 279, 280, 281-287, 288-290, 291-340 - 19/07/12.

¹¹ Embora tenha sido fotógrafo oficial do Instituto Oswaldo Cruz nas primeiras décadas do século XX, Joaquim Pinto da Silva é pouco conhecido. Mas parte de sua obra encontra-se no arquivo da COC, com cerca de aproximadamente 8.000 fotografias de sua autoria.

“À Seção de Anatomia Patológica competia a realização de autópsias em diversos hospitais da cidade, o diagnóstico de peças cirúrgicas enviadas ao instituto, os estudos de histologia normal e embriologia, além da manutenção do museu de anatomia patológica”. (BENCHIMOL, 1990:46)

À Seção de Anatomia foram incorporados o professor norte-americano Dr. Bowman C. Crowal, da Fundação Rockefeller, Magarino Torres, Oswino Penna e Eurico Villela. (BENCHIMOL, 1990:62-63) Com a inauguração do Hospital Oswaldo Cruz e o início de suas atividades, passou a “centralizar as pesquisas realizadas nos outros hospitais e a reorganizar seu quadro clínico”. (GUIMARÃES, 2009) Mas, ainda assim, a Seção de Anatomia continuou a se ocupar das necropsias em hospitais da cidade, como Hospital da Santa Casa da Misericórdia e o Hospital São Francisco de Assis. (COC, prontuários) Com isso, mantinha “uma relação de interface com os problemas de medicina prática de seus corpos clínicos e com os de patologia explorados nos laboratórios de Manguinhos”. (BENCHIMOL, 1990:62-63)

Sabemos que a obra do Hospital foi concluída em dezembro de 1918, meses após a liberação da verba. Há ofícios com folhas de pagamentos de trabalhadores que atuaram nas obras do Hospital, enfatizando o valor a ser pago pelo trabalho realizado no mês de conclusão da obra do Hospital. (COC, 08/01/19 N.10) A partir de janeiro de 1919, o Instituto passou a destinar uma verba mensal para custeio do Hospital em virtude da ampliação dos trabalhos e custo de material. (COC, 29/01/19 N.15) Sobre esse período, foram encontrados documentos mencionando obras de reformas do Hospital que, nesse momento, era documentado em ofícios do Instituto Oswaldo Cruz como Hospital de Doenças Tropicais.

Por outro lado, não há clareza do momento em que o Hospital passou a exercer suas atividades. O arquivo da Casa de Oswaldo Cruz abriga o maior acervo de documentação do IOC e, conseqüentemente, do Hospital. Mas, ainda assim, há dificuldades em preencher lacunas sobre a história desse espaço, visto a fragmentação de sua documentação no próprio arquivo. Das pesquisas elaboradas até o momento, do contato com ofícios, prontuários, iconografias e uma série de outros documentos, foram encontradas pistas que ajudam a elucidar essa história. Um importante avanço foi encontrar o registro de pacientes atendidos no Hospital no ano de 1919, o que demonstra atendimento nesse ano. Um dos documentos

encontrados foi um pedido de internação, para o marinheiro Luiz Leandro da Silva, no Hospital (anexo ao Instituto Oswaldo Cruz) pelo período de dois meses para tratamento de doença parasitária. (COC, 11/09/19 N.433)¹²

Dos trabalhos desenvolvidos sobre o Hospital¹³, é consenso afirmar que iniciou suas atividades em meados da década de 1920. Segundo Benchimol, além de centro de estudos, o Hospital começou a dar assistência médico-hospitalar à população suburbana, desassistida pela rede pública, a partir de

“consultas, iniciadas em 1926, as vacinações e revacinações antivariólicas e o aumento das internações por ocasião das epidemias de varíola, em 1925-1926, e de febre amarela, em 1928-1929”. (BENCHIMOL, 1990:62-63)

Em seus primeiros anos de funcionamento, podemos considerar o hospital de Manguinhos bem equipado de acordo com os padrões técnicos mais sofisticados da época: instalação de luz elétrica, gás, telefone, sistema de ar condicionado, lavanderia e etc. O decreto de 1912, de liberação da verba, evidenciava o interesse na construção de um hospital completo, “com todas as dependências e instalações apropriadas, taes como bioterios, locaes para experimentação em animais, etc”. (COC, Decreto N. 9.346, 24/01/12) E, nesse sentido, as expectativas foram alcançadas. O Hospital de Manguinhos era completo e satisfazia os quesitos para ser considerado um hospital moderno. Em 1912, foi planejado com seis pavilhões separados, mas foi construído apenas um ao fim das obras. Possuía duas enfermarias com 30 leitos cada uma, quatro quartos de isolamento individual, laboratórios, biotério, raios X, farmácia, sala de curativos e pequenas operações, quartos para funcionários e outras dependências. E, nesse espaço, a tecnologia disponível era utilizada, como se pode observar nas palavras de Henrique Aragão:

“No porão foram instaladas máquinas refrigeradoras e uma câmara frigorífica com tubulações nas quais esfriava o ar a ser lançado por meio de grandes ventiladores e largos condutores de madeira para dentro das enfermarias, à temperatura desejada, automaticamente regulada. A refrigeração chegou a funcionar com satisfatório

¹² Além disso, foi encontrada uma documentação solicitando que a licença se prorrogasse por mais 30 dias: COC, 10/11/19 N.590.

¹³ O Hospital de Manguinhos nunca foi discutido como tema/objeto de pesquisas. As primeiras pesquisas nessa direção surgem a partir do grupo de pesquisa *História e Memória da Pesquisa Clínica do Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas*.

resultado (...) Ela foi, sem dúvida, precursora em matéria de ar-condicionado, assunto que somente muitos anos depois pôde alcançar a solução prática e relativamente econômica atualmente em uso". (BENCHIMOL, 1990:216)

Algumas questões permanecem obscuras quanto ao projeto do Hospital de Manguinhos. Uma delas é referente a dificuldade de conseguir verba para sua construção.¹⁴ Sabendo que o Instituto Oswaldo Cruz obtinha lugar de prestígio na sociedade devido às pesquisas e intervenções no combate a epidemias na cidade, torna-se intrigante o fato de não conseguir subsídio para a construção de um hospital próprio. Pesquisas eram custeadas com verba própria e do governo federal, logo, saber quais os impasses para o financiamento de obras para construção de um projeto idealizado por Oswaldo Cruz no início do século XX se consolida com uma das inquietações desse trabalho de pesquisa em andamento.

Outra questão que vem a movimentar essa pesquisa é aprofundar os motivos que impulsionaram a conclusão do hospital em 1918. Até o momento, acreditamos que o destaque político de Carlos Chagas contribuiu consideravelmente para que o projeto se realizasse. A figura de Carlos Chagas crescia de forma ímpar e seu nome estava a cada dia associado ao Instituto Oswaldo Cruz. Em 1913 e 1921 foi indicado ao Prêmio Nobel de Medicina. De 1917 a 1934 assumiu o cargo de diretor do Instituto Oswaldo Cruz. Em 1918 chefiou trabalho contra a epidemia de gripe espanhola no Rio de Janeiro. Participo, em 1918, da criação da Liga Pró-saneamento. Ainda em 1918 assumiu a direção dos serviços federais de saúde pública Divisão Geral de Saúde Pública – transformado, em 1920, em Divisão Nacional de Saúde Pública (também sob sua direção).

Por fim, o presente trabalho buscou contribuir para o avanço das pesquisas sobre a história do Hospital de Manguinhos e da pesquisa clínica realizada nesse espaço ao longo do tempo.

Referências

¹⁴ Benchimol enfatiza que as obras de conclusão do Hospital foram concluídas com renda própria oriundas das rendas da vacina da manqueira. (BENCHIMOL, 1990:216).

A Manifestação... *A manifestação dos acadêmicos ao professor Aloysio de Castro*. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p.4. 11 out. 1916.

BENCHIMOL, Jaime L. *Manguinhos do sonho à vida – A ciência na Belle Époque*. Rio de Janeiro: COC, 1990.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim e DE Paula, Richard Negreiros. *Hospital de Manguinhos: 85 anos de pesquisa clínica*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Ipec, 2009.

HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1998.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro. Contraponto: Editora PUC-RJ, 2006

KROPF, Simone Petraglia. *Doença de Chagas, doença do Brasil: ciência, saúde e nação, 1909-1962*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987